

ISSN 2595-5934



PERIODICIDADE
MENSAL

ABR EDIÇÃO
2026 N°96

IDIOMAS
PORTUGUÊS E INGLÊS

 **QUALIS B3**



CAPES

**QUANDO O CORPO FALA: APROXIMAÇÕES DAS NARRATIVAS DO LIVRO
OLHOS D'ÁGUA E A CONSTRUÇÃO DIALÓGICA NO CURRÍCULO CULTURAL
NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**WHEN THE BODY SPEAKS: APPROACHES TO THE NARRATIVES IN THE
BOOK OLHOS D'ÁGUA AND THE DIALOGICAL CONSTRUCTION IN THE
CULTURAL CURRICULUM IN PHYSICAL EDUCATION**

NASCIMENTO, Pedro Henrique Magalhães¹

RESUMO

O presente estudo busca entender como as histórias no livro Olhos d'Água, de Conceição Evaristo, se relacionam com as ideias do Currículo Cultural da Educação Física. Isso ajuda a criar um jeito de ensinar que é atento às questões sociais, raciais e culturais que afetam as pessoas. A análise foi feita através de leitura de textos e uma análise crítica das histórias do livro, ligando isso aos conceitos do Currículo Cultural da Educação Física e da educação Antirracista.

Palavras-chave: Currículo Cultural. Educação Física. Educação Antirracista.

ABSTRACT

This study seeks to understand how the stories in the book Olhos d'Água, by Conceição Evaristo, relate to the ideas of the Cultural Curriculum of Physical Education. This helps to create a way of teaching that is attentive to the social, racial, and cultural issues that affect people. The analysis was carried out through reading texts and a critical analysis of the stories in the book, linking this to the concepts of the Cultural Curriculum of Physical Education and Anti-racist education.

Keywords: Cultural Curriculum. Physical Education. Anti-racist Education.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a Educação Física escolar foi marcada por perspectivas biologizantes, higienistas e tecnicistas que reduziram o corpo à dimensão funcional e performática. Tal tradição produziu práticas centradas no rendimento motor e na padronização de comportamentos corporais. Entretanto, estudos contemporâneos

¹ Docente Universitário - FATEF - Faculdade de Tecnologia de São Vicente, Brasil. pedrohmagalhaes0908@gmail.com

indicam a necessidade de superar essa matriz normativa e avançar para uma compreensão cultural e política do corpo na escola (OECHSLER, LAMAR, TORMENA, 2023).

O Currículo Cultural da Educação Física emerge nesse cenário como uma proposta que compreende o movimento humano como prática social, historicamente situada e atravessada por relações de poder. Müller, Lima e Neira (2024) defendem que tal perspectiva curricular deve estar articulada a princípios ético-políticos capazes de enfrentar desigualdades estruturais, incluindo o racismo. Nesse sentido, o currículo deixa de ser mero organizador de conteúdos motores e passa a constituir-se como espaço de disputa simbólica e reconhecimento identitário.

Diante dessa situação, surge a necessidade de expandir as bases teóricas e culturais que dão suporte às atividades de Educação Física nas escolas. A literatura afro-brasileira, principalmente a escrita por mulheres negras, traz histórias importantes sobre o corpo, a memória, a dor, a resistência e a ancestralidade, temas que conversam diretamente com as conversas atuais sobre o corpo e a cultura.

Paralelamente, a literatura negra brasileira — especialmente a obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo — oferece elementos potentes para pensar o corpo como experiência histórica e cultural. A escrita de Evaristo, marcada pelo conceito de “escrivência”, articula memória, território e identidade, apresentando narrativas que dialogam com as corporeidades negras invisibilizadas pela escola. Assim, questiona-se: De que forma as histórias que estão no livro *Olhos d'Água*, podem ajudar a criar métodos/propostas de ensino que incentivem o diálogo no Currículo Cultural da Educação Física?

Assim, o objetivo deste artigo é analisar as contribuições das narrativas presentes na obra para a construção de perspectivas dialógicas no Currículo Cultural da Educação Física, compreendendo o corpo como espaço de memória, identidade e resistência social.

Nesse panorama, torna-se indispensável expandir as abordagens pedagógicas da Educação Física escolar, integrando ao currículo experiências corporais que dialoguem com as histórias, identidades e memórias dos indivíduos.

A importância dessa pesquisa está em aumentar as referências culturais que sustentam a Educação Física nas escolas, trazendo obras literárias que discutem as desigualdades raciais e sociais que existem na sociedade brasileira. Assim, o trabalho de Conceição Evaristo ajuda a desafiar ideias gerais sobre o corpo e permite que a gente pense sobre o ensino, valorizando histórias que não foram ouvidas ao longo do tempo.

1 CORPO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL, CULTURAL E POLÍTICA

A maneira como entendemos o corpo enquanto uma construção social é fundamental para este estudo. Le Breton (2011) sustenta que o corpo vai além de uma simples realidade biológica e representa um fato social complexo, continuamente moldado pelas normas, valores e dinâmicas de poder de uma sociedade. Essa abordagem desafia visões reducionistas e possibilita ver o corpo como um espaço simbólico.

Ao enxergar o corpo como uma construção social, é essencial reconhecer que as vivências corporais estão intrinsecamente atravessadas por marcadores sociais como raça, gênero e classe. No cenário brasileiro, o racismo estrutural historicamente gerou mecanismos de controle, disciplinamento e estigmatização dos corpos negros, especialmente em espaços institucionais, como as escolas. Dessa maneira, a corporeidade negra carrega consigo traços históricos que remontam à exploração do período escravocrata e se perpetuam em formas contemporâneas de exclusão, tanto simbólica quanto social. Como aponta Gomes (2019), as vivências da população negra no Brasil evidenciam que o corpo é, igualmente, um espaço de disputas políticas, culturais e identitárias. Dentro da Educação Física escolar, esse debate adquire uma importância singular. Trata-se de uma área que, ao longo do tempo, privilegiou certos padrões corporais atrelados à performance, disciplina e alto rendimento físico, frequentemente ignorando a diversidade das experiências corporais e reforçando estereótipos raciais.

Merleau-Ponty (2011) ao analisar a noção de corporeidade, o corpo se estabelece como o pressuposto fundamental para que o mundo possa ser experienciado e percebido. Dessa forma, dado que cada vivência humana passa pelo filtro do corpo, torna-se crucial reconhecer as experiências somáticas como geradoras ativas de saberes.

Na área da Educação Física, autores como Daolio (1995) e Bracht (1997) concordam ao postular que a movimentação das pessoas carrega consigo implicações culturais e políticas. Ainda, o autor cita que a transformação em esporte dentro da Educação Física ensinada nas escolas gerou um conteúdo curricular que segrega, focado na escolha de corpos considerados capazes, fazendo com que aqueles que não seguiam os moldes estabelecidos ficassem ocultos.

2 CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA: FUNDAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

O Currículo Cultural da Educação Física, estruturado por Neira (2019), sugere entender o currículo como uma ação sociopolítica, advogando pelo apreço às manifestações culturais corporais dos alunos e pela reflexão sobre as dinâmicas de domínio que influenciam o físico. Sob esse prisma, o corpo transcende a condição de mero alvo da instrução didática, transformando-se em um registro social, gerador de significados, lembranças e singularidades. Ainda, parte do entendimento de que o conhecimento corporal não é neutro nem universal, mas produzido em contextos sociais específicos. Oechsler, Lamar e Tormena (2023) afirmam que a Educação Física precisa reconhecer as práticas corporais como expressões culturais que carregam valores, significados e disputas simbólicas. Dessa forma, o currículo deve possibilitar a problematização crítica das manifestações corporais e de suas relações com poder, gênero e raça.

Müller, Lima e Neira (2024) ampliam essa discussão ao enfatizar que o currículo cultural necessita assumir explicitamente uma perspectiva antirracista. Para os autores, a neutralidade curricular perpetua desigualdades; portanto, é imprescindível

incorporar princípios éticos que promovam justiça social. Essa compreensão dialoga com abordagens de pedagogia culturalmente responsiva, as quais defendem que o ensino deve considerar as identidades e experiências dos estudantes como ponto de partida do processo formativo.

Sob essa abordagem, o currículo cultural da Educação Física surge como uma alternativa eficaz para o enfrentamento das desigualdades raciais no contexto escolar. Ao tratar as práticas corporais como expressões culturais, esse currículo expande o leque pedagógico e promove a valorização de manifestações historicamente relegadas às margens. Práticas como a capoeira, danças afro-brasileiras, jogos tradicionais com raízes africanas e manifestações culturais das periferias deixam de ser vistas apenas como atividades motoras, sendo elevadas ao status de representações de memória coletiva, identidade cultural e resistência histórica. Assim, o currículo cultural torna-se uma ferramenta essencial para estruturar uma Educação Física que respeita e valoriza a diversidade cultural existente nas escolas, reconhecendo os estudantes como agentes ativos na produção e preservação da cultura.

3 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, CORPOREIDADE, ESCRIVÊNCIA E LITERATURA NEGRA

A educação antirracista pressupõe a problematização das estruturas que produzem desigualdades raciais na escola. Pesquisas contemporâneas evidenciam que o racismo também se manifesta nas práticas corporais, seja pela invisibilização de referências negras, seja pela reprodução de estereótipos associados ao desempenho físico (MÜLLER; LIMA; NEIRA, 2024).

Nesse contexto, o corpo deve ser compreendido como construção social. A corporeidade é atravessada por marcadores de raça, gênero e classe, que influenciam a forma como os sujeitos experienciam o espaço escolar. Assim, a Educação Física pode atuar tanto como espaço de reprodução de desigualdades quanto como território de resistência.

Autores contemporâneos da área de currículo defendem que a valorização de práticas corporais afro-brasileiras e periféricas contribui para romper com o eurocentrismo historicamente dominante. Ao incorporar tais manifestações, o currículo amplia horizontes epistemológicos e promove reconhecimento cultural.

Evaristo (2020, p. 30) define escrevivência como “[...] uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas”. Em *Olhos d’Água*, os corpos narrados revelam como o racismo estrutura experiências corporais desde a infância até a vida adulta.

Em sua obra, *Conceição* Evaristo traz à tona histórias que mostram vivências corporais influenciadas pela vulnerabilidade social, pela violência e pela luta diária. As narrativas exibem personagens que enfrentam várias manifestações de marginalização, evidenciando de que maneira o racismo estrutural impacta as vidas de mulheres negras nas áreas periféricas das cidades.

No relato do livro intitulado “*Maria*”, a história ilustra as fragilidades que atingem os corpos negros em cenários de injustiça social. A protagonista enfrenta uma vida repleta de dificuldades e violência simbólica, ressaltando como os processos de exclusão impactam de forma direta as vivências físicas e emocionais das pessoas.

No conto que intitula a coletânea, “*Olhos d’Água*”, a lembrança e a herança familiar surgem como aspectos essenciais para a formação da identidade. A procura pela recordação dos olhos maternos destaca a relevância da memória emocional e cultural na formação do indivíduo, criando conexões entre corpo, história e sensação de pertencimento.

Essas histórias oferecem oportunidades valiosas para refletir sobre a Educação Física nas escolas, destacando que as vivências corporais devem ser vistas não apenas sob os aspectos biológicos ou motores, mas também como manifestações de narrativas, emoções e identidades.

Candido (2004) vê a literatura como um direito humano, uma ferramenta que pode aumentar a sensibilidade e a consciência social. Hooks (2013) e Kilomba (2019) complementam essa ideia ao afirmar que as narrativas negras geram saberes que

desafiam as normas hegemônicas, sendo essenciais para práticas educativas antirracistas.

Gomes (2019) cita que o movimento negro atua como um educador social, criando conhecimentos que desafiam os currículos e as práticas pedagógicas tradicionais. Essa visão amplia a função da literatura negra como um recurso formativo dentro do ambiente escolar.

Pesquisas recentes indicam que a integração da literatura ao currículo corporal favorece processos reflexivos e críticos, permitindo que estudantes compreendam o movimento humano em sua dimensão simbólica e histórica (OECHSLER; LAMAR; TORMENA, 2023).

4 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, fundamentada na análise crítica de produções acadêmicas relacionadas ao currículo cultural da Educação Física, educação antirracista e literatura afro-brasileira.

A análise dos dados seguiu as diretrizes da análise temática, com o objetivo de encontrar categorias que apareciam com frequência em relação às vivências físicas, às questões de identidade, à memória e à resistência, observadas tanto na literatura quanto nas reflexões sobre educação.

Com esse trabalho, foram criadas categorias que ajudaram a entender como as histórias literárias se relacionam com as propostas do Currículo Cultural da Educação Física, nas escolas. As categorias seguiram a temática do corpo e identidade, memória e ancestralidade, resistência cultural e valorização das experiências de pessoas negras nos currículos escolares.

Esse processo ajudou a entender como as histórias do livro Olhos d'Água podem ajudar a criar métodos/propostas de ensino que estão em sintonia com os princípios do currículo cultural e de uma educação que combate o racismo.

5 DISCUSSÃO

A articulação entre literatura negra e práticas corporais revelou-se potente para problematizar concepções reducionistas do corpo. Ao discutir as narrativas de Conceição Evaristo, os estudantes passam a compreender o corpo como espaço de histórias e afetos, e não apenas como instrumento de desempenho.

Como aponta Gomes (2019), o racismo molda as trajetórias escolares e as vivências corporais, demandando que as práticas educativas estejam realmente comprometidas com a justiça social. Assim, o currículo cultural se torna uma ferramenta antirracista, ao dar voz a narrativas que sempre foram silenciadas.

Convergindo a proposta Oechsler, Lamar e Tormena (2023) defendem que, o currículo cultural deve promover a leitura crítica das práticas corporais. Nesse sentido, as atividades propostas possibilitaram reflexões sobre racismo estrutural e invisibilização de saberes negros.

Müller, Lima e Neira (2024) argumentam que o currículo antirracista exige posicionamento político do docente. As experiências analisadas indicam que a integração de literatura negra contribui para esse posicionamento, ampliando o repertório pedagógico e fortalecendo práticas inclusivas.

A obra *Olhos d'água* oferece importantes elementos para essa articulação, pois suas narrativas abordam experiências corporais marcadas por vulnerabilidade social e resistência.

Ao trabalhar essas narrativas em conjunto com práticas corporais afro-brasileiras — como danças, jogos tradicionais e manifestações culturais — o professor pode promover reflexões sobre identidade, cultura e desigualdade.

Silva e Silva (2025) cita que a obra apresenta narrativas que evidenciam “as intersecções entre raça, gênero e classe”, revelando processos de marginalização e, simultaneamente, estratégias de resistência presentes nas trajetórias das personagens femininas negras. Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo, não se limita à dimensão estética, mas assume um papel político e pedagógico, assumindo a compreensão das desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira.

Ainda, de acordo com Silveira e Farias (2025), as histórias presentes na obra demonstram que a constituição das personagens femininas está profundamente ligada às memórias familiares e à herança cultural afro-brasileira, frequentemente marcada por experiências de violência, pobreza e resistência.

Menezes e Gomes (2025), ao analisarem o conto “Maria”, destacam que a narrativa evidencia processos de marginalização social associados à criminalização e vulnerabilidade dos corpos negros.

Pegado (2025) observa que a metáfora dos “olhos d’água” representa a busca pela memória e pela identidade ancestral, estabelecendo conexões com elementos da cultura afro-brasileira e com a tradição religiosa africana.

Contudo, Aniceto (2025) aponta que a presença simbólica de Oxum reforça o vínculo entre identidade, ancestralidade e pertencimento cultural na narrativa.

Já Silva e Conte (2019) destacam que as histórias presentes na obra são atravessadas por “rastros de memória” que ressignificam a posição da população negra na sociedade brasileira, contribuindo para desconstruir estereótipos históricos.

Assim, a literatura de Conceição Evaristo contribui para a reconstrução de narrativas históricas invisibilizadas, valorizando experiências e saberes que foram sistematicamente excluídos da história oficial.

Os achados mostram que juntar a literatura negra com as propostas pedagógicas na educação física ajuda a expandir as maneiras de ensinar e valorizar a cultura afro. Ao conversar sobre histórias que mostram desigualdades, memórias e resistência, os alunos são incentivados a pensar sobre o corpo além do que é apenas físico.

Essa maneira de ensinar ajuda a ver o corpo como um lugar que gera significados, cheio de histórias pessoais e de grupos. Como observa a autora Hooks (2013), que as práticas educativas que se preocupam com a justiça social devem considerar as experiências das pessoas como essenciais para o aprendizado.

Na Educação Física, essa perspectiva ajuda a desafiar os métodos tradicionais que focam somente na performance física e na uniformidade do corpo, promovendo a

criação de práticas de ensino que sejam mais inclusivas e que respeitem diferentes culturas.

6 CONCLUSÃO

O diálogo entre a obra Olhos d'Água e o Currículo Cultural da Educação Física demonstra que a escola pode constituir-se como espaço de resistência e valorização identitária. Ao reconhecer o corpo como território cultural e político, o currículo amplia seu potencial formativo.

A incorporação da literatura negra nas aulas de Educação Física contribui para tensionar modelos tradicionais e promover práticas antirracistas. Mais do que ensinar movimentos, a disciplina passa a formar sujeitos críticos, conscientes de sua história e de seu lugar no mundo.

Conclui-se que a construção de um currículo cultural antirracista exige intencionalidade pedagógica, fundamentação teórica consistente e abertura para o diálogo interdisciplinar. A obra de Conceição Evaristo revela-se potente instrumento nesse processo, pois reafirma o corpo como espaço de memória, resistência e dignidade.

Embora tenhamos apresentado várias contribuições, é essencial admitir algumas falhas deste estudo. Como se trata de uma pesquisa que analisa textos e reflete sobre eles, os resultados discutidos aqui não cobrem todas as possíveis análises da relação entre a literatura negra e a Educação Física nas escolas.

Com isso, pesquisas futuras podem explorar esse assunto em maior profundidade, realizando estudos diretos em escolas. Isso ajudaria a entender como alunos e professores vivem as práticas de ensino que combinam histórias literárias e atividades físicas. Estudos desse tipo podem ajudar a aumentar as opções metodológicas na área e a criar currículos que estejam verdadeiramente comprometidos com a justiça racial.

Ademais, a Educação Física, ao se relacionar com narrativas literárias, reforça seu papel na justiça social, promovendo práticas antirracistas e formando pessoas críticas que conseguem interpretar o mundo a partir de seus corpos e histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANICETO, Patrícia. O reflexo do espelho de Oxum no conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo. *Travessias da Literatura de Autoria Feminina Hoje: Pesquisas Recentes IPOTESI – revista de estudos literários*, v. 29 n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/49019>. Acesso: 04 mar. 2026

BRACHT, V. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/33554857/Educacao_Fisica_e_Aprendizagem_Social_Valter_Bracht. Acesso: 12 fev. 2026.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

DAOLIO, J. Da cultura do corpo. 15. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L. NUNES, I. R. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf. Acesso: 10 fev. 2026.

EVARISTO, C. *Olhos d’Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade/ bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla*. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf. Acesso dia 19 fev. 2026.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/wp-content/uploads/sites/146/2023/04/KILOMBA-Grada-Memorias-da-Plantacao-Livro.pdf>. Acesso: 18 fev. 2026.

LE BRETON, D. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis: Vozes, 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/398002676/Le-Breton-Antropologia-Do-Corpo-e-Modernidade>. Acesso: 15 fev. 2026.

MENEZES, M. V. D. de; GOMES, A. S. Escrivências de resistência: interseccionalidade e necropolítica no conto 'maria', da coletânea Olhos d'água, de Conceição Evaristo. Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 585–612, 2025. DOI: 10.12957/riae.2025.89337. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/89337>. Acesso em: 5 mar. 2026.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MÜLLER, A.; LIMA, M. F.; NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física e a educação antirracista: um olhar a partir dos princípios ético-políticos. Corpoconsciência, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/18279>. Acesso: 21 de fev. de 2026.

NEIRA, M. G. Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica. 2. ed. São Paulo: Paco, 2019. Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_41.pdf. Acesso em: 20 fev. 2026.

OECHSLER, F. R. LAMAR, A. R. TORMENA, C. O currículo cultural da Educação Física: a educação comparada sobre as perspectivas contemporâneas em torno do currículo. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 16, n. 35, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5702/570274334028/570274334028.pdf>. Acesso em 21 de fev de 2026.

PEGADO, G. Olhos d'água, um mergulho frio na realidade cruel do cotidiano dentro das comunidades marginalizadas. Revista 15 de outubro, Campina Grande, v. 4, n. Especial, p. 20–22, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15236826. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/r15o/article/view/4872>. Acesso em: 5 mar. 2026.

SILVA, E. K. S. da; CONTE, D. O aivém das memórias em olhos d'água, de Conceição Evaristo. fólio - revista de letras, [S. l.], v. 11, n. 2, 2019. DOI: 10.22481/folio.v11i2.5527. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/5527>. Acesso em: 5 mar. 2026.

SILVA, Jeferson Luis Lima da; SILVA, Tânia Maria Gomes da. Escrivência e discurso em Olhos D'água de Conceição Evaristo: uma análise da representação dos corpos femininos negros. ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas, [S. l.], v. 10,

n. 1, p. 218–238, 2025. DOI: 10.22481/odeere.v10i1.16930. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/odeere/article/view/16930>. Acesso em: 5 de mar 2026.

SILVEIRA, Lilian Greice dos Santos Ortiz da; FARIAS, Ariane Avila Neto de. Memórias que constituem a subjetividade feminina negra em Olhos d'água, de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 30, p. 01–15, 2025. DOI: 10.5007/2175-7917.2025.e101139. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/101139>. Acesso em: 5 mar. 2026.